

# Dezembrada - a última grande ofensiva aliada na Guerra da Tríplice Aliança

*Túlio Ribeiro de Almeida\**

## Introdução

**A** Guerra da Tríplice Aliança foi o maior conflito da América do Sul, envolvendo grande efetivo e ocasionando grande número de baixas entre militares e civis. Até o presente, a guerra é alvo de pesquisa e debate entre as diversas correntes historiográficas. Segundo o historiador Francisco Doratioto, o conflito foi o último episódio na consolidação das fronteiras dos Estados nacionais na bacia do Prata (Doratioto, 2002).

Durante os cinco anos de duração, essa guerra colocou em lados opostos as tropas do Marechal Francisco Solano López e as forças de Brasil, Argentina e Uruguai, cabendo ao primeiro o maior esforço da guerra. O grande número de baixas, o efetivo mobilizado e o esforço logístico fazem Doratioto classificar como um dos primeiros casos de guerra total (Doratioto, 2002).

Este trabalho, contudo, restringe-se ao empreendimento realizado pelos aliados em dezembro de 1868. Liderados pelo Marquês de Caxias, o mais ilustre comandante militar brasileiro da época, as forças aliadas realizaram uma grande manobra de envolvimento e atacaram a retaguarda do dispositivo adversário. A ofensiva, que ficou conhecida como “Dezembrada”,

destacou-se pelas três grandes batalhas que ocorreram no período: Itororó, Avaí e Lomas Valentinas.

Dessa forma, será possível destacar as causas da vitória aliada após o estudo dessa importante ofensiva. Será possível responder, também, quais fatores foram mais relevantes para que as forças do Brasil e seus aliados sobrepujassem as tropas de Solano López.

## Antecedentes

O exército aliado encontrava-se diante de um impasse em setembro de 1868, quando se deparou com as trincheiras paraguaias no corte do rio Piquissiri. A derrota diante da posição paraguaia fortificada em Curupaí em 1866 ensinou uma dolorosa lição aos comandantes aliados: não era fácil atacar um inimigo fortemente entrincheirado.

O comandante em chefe tomou a decisão de levar o grosso das forças brasileiras para a margem oeste do rio Paraguai, fazê-las marchar por quilômetros em meio ao terreno pantanoso para atacar a posição de Solano López pela retaguarda.

O comandante era o Marquês de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva. Esse militar fora responsável pela

\* Cap Cav (AMAN/2011, EsEqEx/2015, ESAO/2020). Pós-graduado em História do Brasil pela Faculdade Única de Ipatinga (2022). Atualmente, é instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. E-mail: almeida.tulio.cav@gmail.com

vitória brasileira contra o caudilho argentino Rosas e pela pacificação do Rio Grande do Sul, além de participar de outros conflitos. Assumiu o comando das forças brasileiras após meses de imobilidade frente à fortaleza paraguaia de Humaitá. Reorganizou o exército em campanha, bem como a cadeia logística para supri-lo adequadamente e, por fim, conseguiu subjugar a estratégica fortaleza inimiga.

O exército imperial no Paraguai era composto por três corpos de exército com efetivo de cerca de 35 mil combatentes. Seus soldados eram armados com modernos fuzis *Minié* de origem francesa para a infantaria; e canhões raiados *La Hitte* e *Wüthwoth* de calibres diversos (Barroso, 1980). As tropas brasileiras contavam também com líderes experientes que lutaram nas revoltas internas e conflitos contra os vizinhos do Prata, a exemplo de Manoel Luís Osório e José Luís Mena Barreto.

Já as forças de Solano López eram compostas por cerca de 20 mil combatentes, com armamento obsoleto, pouco fardamento e logística quase inexistente. Seus comandantes eram despreparados e inábeis, que recebiam promoção de López de acordo com sua lealdade ao marechal. Doratioto (2002, p. 63) nos traz a visão do ministro brasileiro em Assunção:

Viana Lima estava, porém, coberto de razão ao apontar a falta de oficiais preparados no exército paraguaio, bem como responsabilizava a ditadura lopista por essa carência.

Ainda sobre o estado da tropa paraguaia, Doratioto (2002, p. 156) nos traz:

Além das falhas no comando, os soldados paraguaios em Corrientes eram castigados pelas carências materiais, pois, às vésperas do inverno, Solano López os enviara sem roupas e barracas, obrigando-os a dormir diretamente sobre o solo, ao relento, o que causou muitas mortes; receberam roupa adequada tarde demais.

O referido movimento pela margem oeste do Paraguai ficou conhecido como a *Travessia do Chaco*. A Estrada do Chaco foi construída pelo 2º Corpo de Exército, a comando do General Argolo. Foram 23 dias de trabalho construindo uma passagem para as

tropas brasileiras em meio ao terreno alagadiço da região do Chaco. Essa estrada permitiu, contudo, que as tropas brasileiras desembarcassem em segurança na retaguarda inimiga, evitando um banho de sangue em um ataque às trincheiras de Piquissiri.

## Batalha do Itororó

Com grande parte do efetivo aliado na margem oriental do rio Paraguai, Caxias pôde finalmente iniciar a ofensiva. Essa manobra de envolvimento possibilitou a economia de meios que seriam utilizados em um possível ataque frontal às trincheiras no corte do rio Piquissiri.

O desembarque das tropas que atravessaram o Chaco na margem esquerda do rio Paraguai ocorreu na madrugada de 4 para 5 de dezembro (Fragoso, 2012). Em 5 de dezembro, a primeira ordem do comandante em chefe foi que a cavalaria brasileira tomasse a ponte sobre o arroio Itororó, a alguns quilômetros dali. Tal manobra, contudo, não foi possível, devido à demora para transportar toda a cavalaria.

Somente no dia seguinte, o Coronel Niederauer reuniu meios suficientes para reconhecer a posição e garantir a travessia do curso d'água. O arroio, segundo informações, somente possuía outro ponto de travessia a quilômetros de distância daquele ponto. Ao chegar à referida ponte, Niederauer deparou-se com numeroso efetivo paraguaio, composto por cerca de 5 mil militares comandados pelo General Bernardino Caballero (Doratioto, 2002).

Ao saber da presença paraguaia no corte do rio, o Marquês de Caxias deu ordem para que as tropas brasileiras rumassem para aquela direção. Essas tropas tinham o 2º Corpo de Exército, sob o comando do General Argolo, como vanguarda de suas forças.

Tasso Fragoso descreve o dispositivo de Caballero com quatro batalhões de infantaria com seis peças de artilharia à direita e quatro regimentos de cavalaria com outras quatro peças à esquerda (Fragoso, 2012).

Em 6 de dezembro de 1868, Caxias deu a ordem de ataque a Argolo, que imediatamente a colocou em prática. As forças brasileiras conseguiram forçar a

ultrapassagem da ponte, mesmo sob forte fogo inimigo. Um contra-ataque da cavalaria paraguaia, contudo, rechaçou os brasileiros da margem sul do Itororó.

Lima e Silva decidiu, então, usar sua reserva e deu ordem a Osório para seguir rio acima e atravessar o Itororó em uma região de vau e atacar o dispositivo paraguaio pela retaguarda, enquanto o ataque frontal na ponte prosseguia.

Após perda de grande efetivo do 2º Corpo, foi a vez do 1º Corpo de Exército, comandado pelo General Bittencourt, assumir o ataque. Esse ataque também foi igualmente malsucedido no intento, aumentando as baixas no lado brasileiro.

Com a demora do desbordamento de Osório e vendo sua tropa ser sucessivamente repelida da margem sul do Itororó, Caxias liderou pessoalmente o ataque das forças brasileiras. Dionísio Cerqueira (1980, p. 272) assim descreve o momento:

Passou pela nossa frente, animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós.

Os soldados brasileiros retomaram a impulsão do ataque ao verem o velho general à frente do efetivo. O entusiasmo foi tanto que, finalmente, o dispositivo adversário foi desbaratado. As tropas de Caballero já tinham batido em retirada quando Osório e seu 3º Corpo de Exército chegaram ao local da batalha. Fragoso (2012, p. 68) assim descreve o resultado da batalha: “conquistaram 6 bocas de fogo, munições e armamentos de toda espécie e fizeram muitos prisioneiros. No campo da ação, ficaram 600 cadáveres inimigos.”

A Batalha do Itororó foi uma das mais difíceis daquele conflito, causando inúmeras baixas. Vários comandantes brasileiros foram mortos e feridos, a exemplo de Coronel Fernando Machado, comandante da brigada que realizou o primeiro ataque naquela batalha, e o próprio General Argolo, comandante do 2º Corpo, que veio a falecer em decorrência de ferimentos.

A conquista da ponte sobre o Itororó, contudo, permitiu o prosseguimento das forças brasileiras rumo ao quartel-general do Marechal Solano López.

## Batalha do Avaí

Após vencidas as tropas de Caballero no corte do rio Itororó, as tropas brasileiras rumaram em direção a López. A Batalha de Itororó causara grandes baixas nas fileiras brasileiras, portanto não foi possível realizar uma perseguição às tropas paraguaias no dia anterior. As tropas inimigas, portanto, recuaram sem maiores perturbações.

Caxias progrediu com os 1º e 3º Corpos – deixara o 2º Corpo guarnecendo a ponte sobre o Itororó –, rumo à cidade de Villeta. No dia 11 de dezembro, o marquês deparou-se com forças paraguaias na região de terreno ondulado, conhecida como Capela Ipané.

Os paraguaios, mais uma vez comandados pelo General Caballero, possuíam efetivos de 7 mil homens e 18 canhões (Fragoso, 2012). As forças brasileiras receberam reforço de duas divisões de cavalaria, comandadas por Andrade Neves e João Manoel Mena Barreto. Tasso Fragoso comenta, também, que o 2º Corpo, agora comandado por José Luis Mena Barreto, juntara-se a Caxias (Fragoso, 2012).

Caxias ordenou um ataque frontal contra o dispositivo de Caballero, que ocupava uma elevação às margens do arroio Avaí, com o 3º Corpo de Exército de Osório e, simultaneamente, um duplo desbordamento, comandado por Andrade Neves, à esquerda, e João Manoel, pela direita. Caxias buscava, dessa forma, cercar e aniquilar as forças de Caballero.

Coube à 3ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Tenente-Coronel Vanderlei, a missão de primeiro escalão do ataque frontal. O ataque conseguia imprimir pressão no flanco esquerdo paraguaio, quando foi surpreendido por forte contra-ataque da cavalaria inimiga, que foi ocultada por forte chuva que caía naquele momento. Assim Doratioto (2002, p. 364) descreve a atuação da infantaria brasileira frente à obstinada resistência paraguaia:

A luta foi feroz e, devido à chuva, confusa; tal qual em Itororó, novamente os soldados brasileiros fraquejaram e começaram a recuar, obrigando o próprio Osório a descer ao terreno do combate para contê-los.

Osório, então, ordenou que o restante da infantaria de seu corpo caísse sobre o flanco direito e o centro do dispositivo paraguaio. Como era seu costume, o General Osório acompanhou de perto a manobra de suas tropas, vindo a receber um ferimento no maxilar, obrigando-o a retrair e deixar o comando.

Vendo parte da infantaria do 3º Corpo recuar devido às grandes baixas, Caxias ordenou o avanço do 2º Corpo, que conseguiu segurar as linhas brasileiras, em um primeiro momento, e depois ocupar o alto da elevação, fazendo o inimigo retrair.

Uma parte das tropas de Caballero, contudo, ainda resistia ao ataque brasileiro. Naquele momento, a manobra planejada por Caxias teve efeito, e as divisões de Andrade Neves e João Manoel caíram sobre os flancos inimigos, impedindo sua fuga e batendo aqueles que ainda resistiam.

Cerqueira (1980, p. 277) descreve a batalha:

A batalha continuava intensa. As bandeiras tricolores flutuavam por aquelas colinas além, envolvidas em nuvens esbranquiçadas de fumaça. De repente, os batalhões inimigos manobravam rápido e formaram quadrados. Por que essa manobra? Não havia cavalaria perto. Só a artilharia jogava seus *shrapnels* certos e a infantaria tiroteava a distância. Surgiram em seguida, como por encanto, os nossos belos regimentos rio-grandenses, de lanças perfiladas e as bandeirolas vermelhas e brancas tremulando, como que indicando a vitória.

Às 13 horas, a batalha já estava terminada. Caballero, que conseguira fugir, não salvou nem um décimo de seu efetivo, perdendo também todas as peças de artilharia que empregara na batalha. Entre as baixas paraguaias, Fragoso traz o número de 3.000 mortos, 600 feridos, cerca de 1.000 prisioneiros. As baixas brasileiras foram de 729 entre mortos e feridos (Fragoso, 2012).

## Batalha de Lomas Valentinas

Com o inimigo batido em Avaí, Caxias ordenou a ocupação de Villeta. A vila serviu como repouso e reorganização da tropa. Os corpos de voluntários com mais baixas foram dissolvidos e seus quadros completaram os claros de outros batalhões. O exército foi ressuprido pela esquadra e o terreno foi reconhecido até a posição de López em Lomas Valentinas. Destacaram-se, nessa última ação, as 1ª e 3ª Divisões de Cavalaria, comandadas por João Manoel e Vasco Alves Pereira (Fragoso, 2012).

O comando do exército em campanha tomou conhecimento de todo o dispositivo defensivo paraguaio em Piquissiri. Esse dispositivo constituía-se de uma linha de trincheiras que acompanhavam o corte do rio Piquissiri, tendo como extremos as baterias de Angostura, junto ao rio Paraguai, e a colina de Ita-Ibaté, a leste. Caxias, portanto, decidiu destacar as tropas do General Câmara para vigiar Angostura, a 1ª Divisão de Cavalaria, de João Manoel (reforçada com infantaria e artilharia), para tomar as trincheiras de Piquissiri, e ele próprio comandaria o grosso da tropa no ataque à colina de Ita-Ibaté, local do quartel-general de López.

Caxias ordenou o avanço das tropas às 2 horas do dia 21 de dezembro. Ainda no mesmo dia, a vanguarda, comandada por Andrade Neves, capturou grande quantidade de gado, cavalos e ovelhas. Às 15 horas, foi dada a ordem de ataque, que seria feito por duas colunas: a primeira, comandada pelo General Bittencourt; e a segunda, pelo General José Luís Mena Barreto (Fragoso, 2012).

A 1ª Brigada de Infantaria liderou o ataque às trincheiras paraguaias com baioneta calada e em marche-marche. Esse ataque, no entanto, não foi suficiente para repelir o inimigo de suas posições e, em seguida, partiram as 13ª e 9ª brigadas da mesma arma. Caxias lançou mão da 2ª Divisão de Cavalaria para auxiliar o avanço da infantaria. O terreno, contudo, não favorecia o emprego daquela arma, portanto as tropas do Barão do Triunfo (Andrade Neves) não lograram o êxito desejado, embora a primeira coluna tenha conquistado parte das trincheiras inimigas e capturado algumas de suas peças. Já a segunda coluna capturou

alguns inimigos e peças de artilharia, mas não conseguiu ocupar as trincheiras conquistadas e recuou. Ao cair da noite, Caxias ordenou que a tropa mantivesse o terreno conquistado.

Já em Piquissiri, João Manoel conseguiu tomar as trincheiras inimigas com um ataque ao centro do dispositivo inimigo. Devido ao efetivo reduzido e à grande distância entre as unidades, as tropas paraguaias apresentaram pouca resistência à infantaria brasileira, que carregava sobre suas posições. Naquele local, foram capturadas peças de artilharia de baixo calibre, bandeiras, armas de fogo e 800 prisioneiros entre oficiais e praças (Fragoso, 2012).

Durante o dia 22, o General argentino Gelly y Obes aproveitou a conquista de João Manoel no dia anterior para levar as forças aliadas (argentinos que ficaram ao sul do rio Piquissiri) para juntar-se ao esforço principal em Ita-Ibaté. No dia 23, Gelly y Obes reconhece o flanco direito inimigo. No dia 24, o general argentino intimou López a se render para evitar maior derramamento de sangue. O paraguaio, contudo, negou a proposta.

O ataque derradeiro só ocorreu no dia 27, com as tropas aliadas divididas em três colunas: a direita, a comando de Gelly y Obes; a central, sob comando de José Luís Menna Barreto; e a esquerda, composta pela cavalaria brasileira comandada por Vasco Alves. As duas primeiras atacariam diretamente as trincheiras inimigas, e a última cortaria a fuga do inimigo pela retaguarda.

Mesmo com intenso apoio da artilharia aliada, os soldados paraguaios apresentaram resistência obstinada. As colunas aliadas lutaram por cada trincheira até conquistar o topo da elevação. Apesar do cerco da cavalaria brasileira, Solano López conseguiu fugir para o interior do Paraguai. No dia 30, rendeu-se a guarnição de Angostura, constituída de 1.300 militares. Gustavo Barroso nos traz o número de 8.000 baixas do lado paraguaio e 1.227 entre os brasileiros (Barroso, 1980).

## Desfecho

Doratioto (2002, p. 374) traz as seguintes baixas na ofensiva:

Desde o dia 6 de dezembro o exército paraguaio havia perdido quase 20 mil combatentes, ou seja, fora destruído. Do lado aliado, quase metade do efetivo brasileiro foi posto fora de combate, num total de 10.079 homens, dos quais 2.099 mortos e 7.980 feridos. Os argentinos tiveram 99 mortos e 464 feridos.

A ofensiva de dezembro de 1868, portanto, destruiu a capacidade de combate do Paraguai com um alto custo em vidas para o exército brasileiro em campanha. Esgotou moral e psicologicamente a tropa e seus comandantes, entre eles o próprio comandante em chefe, Caxias, que contava com mais de 60 anos no período. Ademais, diversos líderes relevantes foram feridos ou mortos, a exemplo do General Argolo, morto em Itororó, e Osório, gravemente ferido em Avaí.

A partir daquele momento, entretanto, estava livre a estrada até Assunção, que foi ocupada sem maiores resistências em 1º de janeiro de 1869. Após anos em instalações precárias e trincheiras, as tropas aliadas puderam descansar e ser ressupridas e recompletadas (Doratioto, 2002).

Caxias deixou Assunção ainda em janeiro e rumou para o Rio de Janeiro, devido a problemas de saúde. O próprio imperador nomeou seu genro, Gastão d'Orleans, o Conde D'Eu, como novo comandante do exército brasileiro no Paraguai. Agora com as forças de Solano López destruídas, restava a missão de perseguir e prender o ditador, que se refugiara no interior do país para iniciar uma guerrilha. Começava a Campanha da Cordilheira.

Francisco Doratioto (2002) reforça, também, que Caxias já não via mais sentido em prolongar o conflito após a captura da capital paraguaia, mas Pedro II insistiu que o conflito só terminaria com a morte ou captura de López. Com efeito, Caxias foi alvo de inúmeras críticas na Corte por ter deixado o teatro de operações. Até mesmo o imperador não o visitou quando ainda recuperava sua saúde em sua casa na Tijuca. Apesar das críticas sobre a atuação de Caxias, o General Tasso Fragoso (2012, p. 148) traz a seguinte visão:

O comando de Caxias foi, sem dúvida, o mais brilhante de toda a Guerra da Tríplice Aliança.

Abarcou um período de 26 meses (de 18 novembro de 1866 a 18 de janeiro de 1869). Ocorreu nele não só uma interessante guerra de posição de Humaitá, nunca vista na América do Sul, como uma instrutiva e difícil guerra de movimento, cujo desenlace foi a vitória de Lomas Valentinas.

Nessa fase, ocorreriam poucas batalhas de vulto, sendo, na maioria, refregas e entreveros nos encontros entre paraguaios e brasileiros. Após uma longa e desgastante campanha, López foi morto em 1º de março de 1870 pelas tropas do General Câmara, pondo fim ao conflito que já durava cinco anos.

## Conclusão

A ofensiva ocorrida em dezembro de 1868, que ficou conhecida como “Dezembrada”, constituiu a última grande ofensiva aliada no conflito. Como anteriormente exposto, mesmo com a fuga, López não poderia mais oferecer resistência, abrindo mão de sua capital e buscando refúgio no interior.

A liderança de Caxias foi muito questionada em sua época. É possível afirmar, contudo, que sua habilidade como chefe militar foi responsável pelo sucesso aliado de Humaitá até Lomas Valentinas. A manobra de envolvimento realizada na estrada do Chaco é um dos mais notáveis empreendimentos da história militar. Ele mostrou-se, em todos os combates, superior aos seus adversários paraguaios e conseguiu sair vitorioso em todos eles.

A existência de líderes capacitados foi outro fator que possibilitou a vitória aliada na ofensiva e no conflito. Enquanto o Exército Paraguai carecia de líderes experientes e hábeis, o Exército Imperial contava com

lideranças como Osório, Andrade Neves, Argolo e José Luis Mena Barreto, generais veteranos das revoltas internas e da campanha contra Rosas (1851), que conduziram seus homens com destreza e eficiência.

Outro fator relevante para a vitória aliada na Dezembrada foi a grave deficiência de material por parte do exército paraguaio. Com armamento obsoleto e em pouca quantidade, os soldados paraguaios eram superados pelos brasileiros, que utilizavam os modernos fuzis *Minnié*. As unidades paraguaias careciam também de itens básicos, como calçados, roupas de frio, uniformes e barracas, para dar melhores condições de combate a seus militares. Doratioto traz inúmeros relatos de soldados paraguaios morrendo devido ao frio intenso durante a invasão da região de Corrientes.

É possível afirmar também que o exército paraguaio sempre lutou em desvantagem numérica. Solano López empregou efetivos insuficientes nas três batalhas abordadas. Mesmo apresentando bom desempenho em combate, os soldados paraguaios não conseguiram fazer frente a um inimigo numericamente muito superior nos momentos decisivos. Muito embora o contingente paraguaio fosse de 65 mil homens no início do conflito, López não soube aproveitar essa superioridade numérica.

Por fim, é possível concluir que uma série de fatores contribuíram para a vitória aliada na Dezembrada. Comandantes experientes, armamento moderno e superioridade numérica pesaram a favor das forças da Tríplice Aliança durante a ofensiva. É possível afirmar, também, que a liderança do Duque de Caxias foi fundamental para o sucesso aliado. Seu comando desequilibrou a balança da guerra e permitiu a vitória, concluindo sua participação com a conquista de Assunção.

## Referências

BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

BRASIL. **História do Exército Brasileiro**: volume 2. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1972.

CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. **Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-70**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DORATIOTO, Francisco F. M. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2011.

FONTOURA, H. **Tensões no Prata: A Guerra da Tríplice Aliança e suas consequências (1869-1876)**. Monografia (Licenciatura em história) – Centro de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Resende, p. 57. 2020.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai: volume 4**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2012.